

JOÃO PEDRO GIL

O SIGNIFICADO DO JOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O presente artigo trata primeiramente de considerar jogo como toda a criação de situação imaginária. Numa abordagem dialética do tema "o significado do jogo na educação infantil", parte-se de uma visão de educação como totalidade, buscando ultrapassar os conhecimentos até agora adquiridos e investigando todas as relações possíveis, com o propósito de construir uma prática pedagógica transformadora da sociedade em que vivemos, que converta os conhecimentos em convicções internas do homem.

Com base nos estudos psico-pedagógicos na área do desenvolvimento da linguagem (Piaget, Vigotsky e Emília Ferreiro) e na socialização da criança (Pistrack e Makarenko), reafirmando o método dialético, o trabalho reflete e aprofunda algumas questões tiradas de dez anos de prática e meditação crítica sobre o fenômeno a que se dá o nome de teatro-educação junto à escolas infantis públicas, assistenciais e particulares. Acredita-se que, sem a criança desenvolver os conceitos espontâneos através do jogo, torna-se mais difícil adquirir os conceitos científicos e as bases morais e ideológicas para a construção da verdadeira cidadania.

Os estudos e as observações efetuadas até o presente momento no campo da educação dramática demonstram que: 1) o princípio do jogo está mais voltado para o prazer; 2) a aquisição da escrita não leva em conta a ação simbólica; 3) o jogo, de nenhuma forma, está vinculado ao trabalho; 4) a maior preocupação dos pedagogos se refere basicamente a ausência de sentimentos

Porto Arte, Porto Alegre, v.3, n.5, maio 1992

humanitários entre as crianças. Baseia-se na tese construtivista de Piaget (1975) a linha teórica para sustentar que toda e qualquer criança tem condição de aprender tudo, contanto que lhe seja oferecida condição para isso, meio social e cultural. No construtivismo, o desenvolvimento da criança é decorrente de etapas sucessivas, conforme a própria faixa etária, e de estímulos externos proporcionados para a construção de suas hipóteses.

Diante dessa concepção, e não separando em nenhum momento a teoria (conhecimento) da prática (ação), com a realização da pesquisa, entende-se como significado do jogo na educação infantil o desenvolvimento da atividade criativa, a aquisição da linguagem escrita, a preparação para o trabalho e a construção de sentimentos humanitários.

Educar para a ação criativa

A ação é o processo que se cria para os fins conscientes. Segundo Vigotsky, (1982), a consciência é gerada pela sociedade, nela se produz. A atividade criativa se manifesta na criança pelo desejo em conhecer o novo, criar um jogo, ou seja, da possibilidade de ir da idéia a situação imaginária. A imaginação se manifesta por igual em todos os aspectos da vida cultural (arte, ciência e tecnologia) e, sustentada pelo construtivismo, não é privativa de talentos de seres especiais.

Nos jogos as crianças não se limitam a recordar experiências vividas, mas reelaboram criativamente, combinando os fatos entre si e construindo novas realidades de acordo com seus gostos e necessidades.

O trabalho do pedagogo na educação para a ação criativa consiste em criar condições que estimulem a criança agir criativamente. Por meio de propostas, ao longo dos jogos, o pedagogo orienta as crianças no sentido de encontrar por si próprios os argumentos, se encarregarem de um papel e utilizar objetos segundo seus desejos.

No projeto do Centro de Educação (UFMS) "Alternativas Metodológicas", que foi desenvolvido na escola assistencial "Lar de Joaquina" em 1987, observou-se a seguinte situação imaginária:

As crianças, em pequenos grupos, estavam jogando família: algumas preparando o almoço, outras limpando a casa. Ao observar com atenção o que três crianças estavam construindo, o pedagogo notou semelhança com um trem: "que interessante esse trem"! exclamou - "vamos construir

vagões para poder passear toda a família?" Ao incorporar-se ao jogo das crianças solicitou maior participação: "quem quer nos ajudar a construir vagões?" Logo, quando o trem já estava pronto para partir, o pedagogo continuou a orientar o desenvolvimento do jogo por meio de perguntas: "para onde vamos? quem será o maquinista? quem quer ser o carregador?" O pedagogo apoiou as crianças a se encarregarem dos papéis, contribuiu na ativação da atitude criativa das crianças. A fim de atrair as pouco ativas para o jogo, o pedagogo pode propor que interpretem papéis principais. Com isto, as crianças tímidas podem ser praticantes da ação, iniciadoras do jogo.

Educar para linguagem escrita

Os estudos de Emília Ferreiro (1985) e Vigotsky (1988) comprovam que a alfabetização é um processo evolutivo de construção do sistema de representação da escrita, e, para que esse desenvolvimento ocorra é preciso levar em consideração, primeiramente, a pré-história da linguagem.

As investigações até aqui realizadas colocaram o jogo unicamente como um recurso a mais para estimular e promover a aprendizagem da escrita.

Considerando como Vigotsky, que a palavra não é o princípio, a ação já existia antes, pode-se depreender que da ação à linguagem existe um pontilhado de situações imaginárias construídas pela própria criança, que confere ao jogo a base do processo de desenvolvimento da linguagem escrita.

Vigotsky propõe que a criança precisa alcançar um certo nível de maturação de um conceito espontâneo para absorver um conceito científico correlato. Da mesma forma, portanto, o jogo é o elemento fundamental para que a criança possa fazer essa passagem. Neste estudo, são revistas as fases evolutivas do jogo dramático infantil, descritas por Joana Lopes (1989) e os níveis do processo de alfabetização pesquisados por Emília Ferreiro (1982).

A consciência da necessidade do ato de escrever surge em qualquer criação de situação imaginária. Na prática escolar infantil, do Curso de Pedagogia da UFSM, foi registrado um quadro de Jogos com ações e conseqüentes mensagens lingüísticas construídas pelas crianças, que iam desde a situação de casamento com convites até a situação de aula, com textos em revistas, jornais, etc.

Por outro lado, segundo Pistrak (1981), toda atividade na escola

precisa ter uma utilidade social. A construção da linguagem escrita pela própria criança a partir do jogo é o caminho natural para que a educação, principalmente no caso do Brasil, possa ser útil socialmente.

Educar para o trabalho

Junto a Makarenko e Krupskaja, Pistrack (1981) concebeu o que veio a ser chamado a escola do trabalho. Para ele a escola deveria ser um centro cultural capaz de participar da vida social de um país.

Além dos semelhantes esforços físicos e psíquicos, a vinculação do jogo com o trabalho se faz possível em razão de se chegar a um objetivo e de se alcançar uma alta organização.

Assim como no trabalho, a criança no jogo sente o bem da criação, a satisfação do triunfo, a alegria da qualidade.

Na construção de brinquedos, por exemplo, não se pode exclusivamente dar brinquedos prontos e interferir demasiadamente no jogo das crianças, ensinando; desta maneira se estará tirando o caráter criativo do trabalho, sonhando a possibilidade da criança resolver por si mesma a tarefa de construir um brinquedo. Nesse sentido, todo material é válido. Na "Cidade dos Meninos" e na localidade de Três Barras, dois projetos de pesquisa participante resultaram na confecção de brinquedos com materiais da própria realidade.

A interpretação de papéis relacionados com a representação do trabalho dos adultos, conhecido como jogo de profissões, requer da criança muita atividade e orientação para um objetivo.

Desenvolvendo nas crianças o interesse pelo trabalho dos adultos, o pedagogo chama atenção não só para operações determinadas, mas para resultados concretos do trabalho, como aconteceu no projeto "Lar de Joaquina", onde, representando um motorista de ônibus, a criança, pode, ao final do jogo, afirmar com satisfação: "transportei mil pessoas hoje do centro de Santa Maria ao Núcleo Habitacional Tancredo Neves".

Não eximindo a influência da televisão nos jogos criados pelas crianças, mas buscando material interessante para as situações, o pedagogo pode dirigir qualitativamente os temas propostos com a finalidade de educar as crianças em assimilar as relações de trabalho.

Educar para solidariedade

A questão dos valores tem sido discutida com muita intensidade, atualmente, por um grande número de filósofos e cientistas sociais e dependem basicamente da formação cultural da sociedade.

O enfoque construtivista sustenta que o desenvolvimento da ética não é um processo de internalização de normas morais e proibições socialmente elaboradas, mas a aquisição de princípios autônomos de justiça, resultado da cooperação social, do respeito ao direito dos outros e da solidariedade.

Numerosas investigações têm demonstrado o papel do jogo na conduta moral de crianças em níveis pré-escolares. Para se avançar na moralidade autônoma é preciso ter claro o conceito de liberdade, proporcionando oportunidades para manter as interações sociais em condições de igualdade e respeito mútuos. O pedagogo, primeiramente, deve se preocupar com a formação do coletivo infantil, tomando em consideração as particularidades da idade e também a individualidade das crianças. O descobrimento, desenvolvimento e aperfeiçoamento das possibilidades de cada criança contribuem na organização de um coletivo unido, cujos membros apresentem normas de interações coletivas. O coletivo do jogo é um organismo social vivo, com relações de cooperação, conflitos e controle mútuos. Com a orientação direta do pedagogo nos jogos se pode desenvolver hábitos da vida social, atuação em grupo à base do entendimento e da prestação de ajuda aos outros.

É claro que o caráter de inter-relação infantil depende das condições de educação na família e em outros grupos infantis. No entanto, várias pesquisas têm revelado que as situações criadas na escola, e em outros grupos infantis, ajudam a clarear o nível de formação dos sentimentos humanitários. O "jogo de médico", por exemplo, é ainda brincadeira interessante para as crianças dramatizarem, pelo caráter solidário presente: "gosto de ser médico, porque ajuda a salvar vidas e trata dos doentes", respondeu a aluna de uma escola infantil à entrevista.

A preocupação maior do pedagogo em relação às imagens criadas nas situações de jogo, tendo em vista o processo de desenvolvimento social, é educar nas crianças a sensibilidade e a bondade. Não se trata aqui, porém, de pretender formar o "bom cidadão", indivíduo passivo, que não reivindica seus direitos. A consciência crítica é parte integrante do significado do jogo na educação infantil.

Aprender a renunciar num momento desejos imediatos, submetendo-se às exigências dos companheiros e, ao mesmo tempo, saber defender seus interesses justos, é resultado da formação social do jogo. O trabalho do pedagogo na organização do coletivo infantil, por fim, consiste em apreciar certas qualidades sociais, como o caráter democrático de convivência, a superação da dicotomia meninos X meninas, a ausência de preconceitos, etc.

Propostas

Na perspectiva de uma escola infantil única, socialista e democrática, defendida por Gadotti (1990), propõe-se:

1. Incorporar à educação brasileira os valores pesquisados no presente trabalho para que a estrutura econômica não venha a ser só nova na sociedade transformada, mas nova também seja a concepção de educação;
2. Redefinir academicamente o ensino da arte, a partir de três linhas fundamentais: ação, pensamento e linguagem;
3. Resgatar o conceito de escola infantil como lugar de direito ao jogo, entendido como criação de situações imaginárias;
4. Introduzir o jogo como material básico para o processo de construção da escrita dentro da pré-história da linguagem;
5. Ampliar e discutir com a sociedade todos os elementos contidos na dissertação de mestrado "O significado do jogo na educação infantil".

BIBLIOGRAFIA

- FERREIRO, Emilia, PALACIOS, Margarita Gomez. Analisis de las perturbaciones en el proceso de aprendizaje de la lecto-escritura. *Evolución de la escritura durante el primer año escolar*. (fascículo 2). México, Dirección General de la Educación Especial, SEP-OEA, 1982.
- FERREIRO, Emilia, TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1985.
- GADOTTI, Moacir. *Uma só escola para todos : caminhos da autonomia escolar*. Petrópolis : Vozes, 1990.
- LOPES, Joana. *Pega teatro*. São Paulo : Papyrus, 1989.
- PIAGET, Jean. *A Epistemologia genética ; Sabedoria e ilusões da filosofia ; Problemas de psicologia genética*. São Paulo : Abril Cultural, 1975. (Os Pensadores ; 51)
- PISTRAK. *Fundamentos da escola do trabalho*. São Paulo : Brasiliense, 1981.
- VIGOTSKY, L.S. *A Formação social da mente*. São Paulo : Martins Fontes, 1988.
- _____. *La imaginación y el arte en la infancia : ensayo psicologico*. Madrid: Akal, 1982.

JOÃO PEDRO GIL - Professor Assistente do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria.